

Artigo

O negro Machado de Assis como gênio, espírito livre e super-homem (übermensch) nietzschiano

The black Machado de Assis as a nietzschean genius, free spirit, and übermensch (superman)

Wagner Piau de Almeida Neto¹

¹Bacharel em Direito pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Gama, Distrito Federal. ORCID: 0000-0002-0253-807X. E-mail: wagnerpiau@hotmail.com;

Submetido em: 02/01/2026, revisado em: 15/03/2026 e aceito para publicação em: 28/03/2026.

Resumo: O presente artigo tem por tema analisar se o escritor negro brasileiro Machado de Assis se enquadra ou pelo menos se aproxima dos conceitos nietzscheanos de gênio, espírito livre e super-homem. O objetivo é tentar demonstrar que sim, que há de fato esse enquadramento ou aproximação, de modo que se pretende tomar Machado como o modelo brasileiro ideal de tais categorias de uma filosofia tão deturpada ao longo do século XX e usada para enaltecer os europeus em detrimento de outros povos. É demonstrar que um negro latino-americano pode muito bem personificar essas definições, por ser a filosofia de Nietzsche universal, isto é, aplicável a qualquer nacionalidade. Trata-se de pesquisa qualitativa, sendo sobretudo hermenêutica-comparativa e interdisciplinar; e de natureza bibliográfica, analisando-se e interpretando artigos científicos, publicações de doutores especialistas nas áreas temáticas, literatura secundária especializada sobre Nietzsche, livros e biografias de Assis. O resultado da pesquisa foi afirmativo, sendo Machado proposto como novo modelo para essas três definições. Como conclusão, os exemplos que o filósofo empregou foram de homens brancos, e analisar os conceitos sob o prisma de um negro brasileiro do século XIX, que tornou-se o maior escritor do país os enriqueceria e aprofundaria mais ainda, em razão de sua autossuperação ter ido além do concebido por Nietzsche como possível, tendo em vista os inúmeros obstáculos e impedimentos a que estavam submetidos os negros de antes do século XX. Isso porque os exemplos do filósofo estavam apartados do racismo e da escravidão.

Palavras-Chave: Nietzsche; Machado de Assis; Gênio; Espírito Livre; Super-Homem

Abstract: This article aims to analyze whether the Black Brazilian writer Machado de Assis fits within or at least approximates the Nietzschean concepts of genius, free spirit, and Übermensch. The objective is to demonstrate that such alignment or approximation does indeed exist, proposing Machado as the ideal Brazilian model for these categories of a philosophy so distorted throughout the twentieth century and used to exalt Europeans at the expense of other peoples. It seeks to show that a Latin American Black man can very well embody these definitions, given that Nietzsche's philosophy is universal — that is, applicable to any nationality. This is a qualitative study, primarily hermeneutic-comparative and interdisciplinary in nature, as well as bibliographic, analyzing and interpreting scientific articles, publications by specialist doctors in the relevant thematic areas, specialized secondary literature on Nietzsche, and books and biographies of Assis. The research yielded affirmative results, with Machado being proposed as a new model for these three definitions. In conclusion, the examples employed by the philosopher were all white men, and analyzing these concepts through the lens of a Black Brazilian from the nineteenth century — who became the greatest writer in his country — would further enrich and deepen them, given that his self-overcoming surpassed what Nietzsche conceived as possible, in light of the countless obstacles and impediments to which Black people were subjected before the twentieth century. This is because the philosopher's own examples were entirely removed from the realities of racism and slavery.

Keywords: Nietzsche; Machado de Assis; Genius; Free Spirit; Übermensch.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir da leitura de biografias a respeito da vida de Machado de Assis, percebe-se que foi homem profundamente esforçado, com muita vontade de potência, que venceu incontáveis obstáculos em sua vida, como a pobreza, a epilepsia, a gagueira e o racismo, um atrás do outro, saindo de mais um negro pobre, marginalizado e excluído socialmente, para estar no topo da hierarquia literária do país, posto outrora ocupado apenas por brancos, isso no século XIX, em pleno contexto escravocrata. Pensar em sua trajetória é uma oportunidade para iluminar e enriquecer os conceitos de gênio, espírito livre e super-homem de Nietzsche, posto que o filósofo os elaborou tendo apenas homens brancos como exemplos, os quais certamente não estavam limitados pelo racismo e pela escravidão, de modo que a jornada destes, como Schopenhauer, Wagner e Napoleão, rumo a

autossuperação, foi bem menos obstruída: os empecilhos eram menores e poucos.

Assis pode ser interpretado como homem virtuoso, de espírito forte, ambicioso (o que não é algo ruim, diga-se), frio, calculista (coisa positiva), com domínio de si e de suas paixões, e com grande vontade de potência para conquistas pessoais. Para driblar os impedimentos, fez uso de diversas estratégias, consciente ou inconscientemente, como a cordialidade, o diálogo, evitar confrontos desnecessários que manchariam sua imagem pública naquela época, o emprego da assim denominada “ginga capoeirista” em seus escritos, a fim de enganar seus leitores e a elite nacional, além de ter desenvolvido excelentes habilidades sociais e literárias, que o levaram a ser consagrado como o maior escritor da pátria e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Transvalorou os valores mudando a literatura brasileira para sempre, mudando as regras do jogo literário,

colocando-o na palma de sua mão. Hoje, nenhum escritor brasileiro branco que se preze pode ignorar sua influência. Propõe-se, portanto, que ele se enquadra nesses conceitos ou pelo menos se aproxima muito bem deles, mais do que os exemplos do próprio Nietzsche, por ter sido sua autossuperação e vontade de potência maior do que a daqueles. Desse modo, Machado é o modelo brasileiro ideal para esses conceitos.

Este trabalho trata-se de pesquisa qualitativa, sendo sobretudo hermenêutica-comparativa, por comparar os conceitos da filosofia de Nietzsche com a vida e obra de Machado, e interdisciplinar, por voltar-se à filosofia, literatura e história; e de natureza bibliográfica, analisando-se e interpretando artigos científicos, publicações de doutores especialistas nas áreas temáticas, literatura secundária especializada sobre Nietzsche — com destaque para os trabalhos de Scarlett Marton e Enock da Silva Peixoto — livros, biografias de Assis, obras primárias do próprio filósofo citadas por meio de artigos e a parte final do aforismo 9 (nove) de Além do Bem e do Mal.

O artigo está dividido em: Vida e obra de Machado de Assis, no qual livros biográficos, artigos científicos e textos de doutores especialistas em literatura são avaliados e interpretados, a fim de elucidar sua trajetória de conquistas, vitórias e autossuperação constante; A negritude em Assis, no qual são analisados os mesmos tipos de bibliografia, com enfoque para os estudos de Eduardo de Assis Duarte e seu princípio analítico textual denominado “ginga capoeirista”, por meio do qual Machado ludibriou a elite branca e fez-se entronar como maior escritor do país, usando da língua portuguesa para dobrar a nação e todos a seu redor, bem como tendo por base, sobretudo, um texto do doutor em literatura Acauam Oliveira, no qual ele discute sobre a importância da negritude em Assis para os seus feitos e literatura e a reação de seus pares literatos diante dele; Nietzsche e Machado, no qual os conceitos de gênio, espírito livre e super-homem são analisados, interpretados, com fundamento principalmente em literatura secundária especializada, e procura-se provar a adequação de Assis a eles. Por fim, a conclusão, onde tudo é posto em perspectiva e percebe-se que a trajetória de Assis enriquece as categorias nietzschianas. Ainda na parte sobre Nietzsche, é mencionado que o eterno retorno, tão caro ao super-homem, não foi empregado como critério neste artigo, em razão de ser extremamente difícil e especulativo dizer se Machado afirmaria sua vida sofrida infinitas vezes ou não.

Por fim, poderia-se escrever sobre outros como Luiz Gama, André Rebouças, Lima Barreto e José do Patrocínio, mas nenhum deles foi tão bem-sucedido em ocupar um posto que os brancos reservavam apenas para si mesmos, isto é, o de maior escritor nacional de todos os tempos (OLIVEIRA, 2021).

2 VIDA E OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis (1839-1908) nasceu filho de um pai mulato que exercia o trabalho de operário e de uma mulher portuguesa pobre, sendo seus avós escravos. Uma base educacional sólida adquirira graças à sua madrinha rica, casada com um oficial (Ferreira *et al*, 2023, p. 2; Vilarinho, 2020, p. 3). Como já dá para antever, ele superou por meio da educação recebida o forte racismo daquele período. Aproveitara as oportunidades da vida, não se fechara ao todo, ao contexto, àquela realidade na qual vivia, à vida. Aceitara de bom grado o que a madrinha e outros mencionados mais à frente tinham a oferecer. E não há indícios em sua biografia de ressentimento, como ficará claro adiante. Dessa forma, todos esses aspectos refletem muito bem diversas lições de Nietzsche.

Perdeu a mãe na infância e foi criado pela madrastra, uma mestiça como ele, Maria Inês. Sua educação escolar não foi estável, estudava quando tinha oportunidade e muitas vezes foi autodidata, aprendendo o vernáculo por conta própria. Vendia os doces feitos por Inês para subsistirem, após a morte de seu pai, aos 12 anos. Instruiu-se no francês com uma família estrangeira. Vestia roupas velhas, gaguejava e folgava apenas uma vez por semana; dentro desse quadro, esforçou-se ao máximo para aprender o idioma estrangeiro (Literafro, 2024).

É descrito como “inteligente, de boa cultura e educação, frio e indiferente” (Vilarinho, 2020, p.3), ou seja, de acordo com o que será demonstrado adiante, entra aqui um aspecto de vontade de potência: sua frieza e indiferença podem denotar controle de espírito, sobre si mesmo, o que possibilitou triunfar na vida e sobre as paixões autodestrutivas. É a vontade de poder guiando-se a si própria.

Dentre os inúmeros ofícios que exerceu, está o de tipógrafo junto a editora de Paula Brito, “reduto dos intelectuais cariocas”, para o qual produzia críticas e poesias a serem publicadas no jornal A Marmota (tal qual “O passado, o presente e o futuro da literatura”), isso aos 19 (dezenove) anos, e outros desempenhados em jornais como “O futuro” (1862) e Diário do Rio de Janeiro, confeccionando crônicas e críticas literárias, respectivamente (Vilarinho, 2020, p. 3; Castello, 2013, p. 3-4; Literafro, 2024). Além disso, Paula Brito é conhecido por ter editado “O homem de cor”, primeira revista nacional a tratar do combate ao racismo (Oliveira, 2021). Pode-se afirmar, pois, que viram o seu talento, deram-lhe diversas oportunidades, as quais ele abraçou. Não se desligou do todo social, do resto da sociedade. E é possível assinalar a vontade de potência¹ de querer mudar de vida, de ascender socialmente.

Seu ensaio sobre Eça de Queiroz gerou contestações. Mesmo assim, ainda se atreveu a escrever mais alguns. Isso pois, apesar da resistência da mocidade letrada, o profundo senso crítico de Machado fazia dele o guia soberano da literatura nacional à época. Na verdade, tão altas eram suas habilidades de análise, que o próprio “José de Alencar, ‘de quem herda o título de principal escritor brasileiro do século XIX após sua morte em 1877’,

¹ Diz respeito a uma força instintiva, manifestada em todos os seres da natureza, que, a depender do contexto, exterioriza-se no sujeito com maior ou menor energia. Deste modo, indivíduos afirmativos, inventivos e que

dizem sim à vida, a têm em uma quantidade superior aos demais, desconhecedores de si próprios (Bittencourt, 2016, p. 8).

batiza-o como ‘primeiro crítico brasileiro’². Dentre suas qualidades, menciona-se: isenção, aversão ao dogmatismo e enorme sensibilidade estética. Por isso e muito mais reinava absoluto desde o início da juventude e tinha a plenitude do domínio da crítica, em comparação aos seus pares do oitocentos (Castello, 2013, p. 4, 6-7; FFLCH USP, 2023).

Será funcionário público, trabalhando em diversos órgãos, dentre eles a Diretoria da Agricultura do Ministério da Agricultura, na qual avaliava “a escravidão e os processos relativos à ‘aplicação da lei Lei do Ventre Livre’”. Casou-se com uma branca portuguesa de nome Carolina Novais, apesar dos duros protestos da família desta. Os irmãos dela reclamaram da cor de Assis, mas não mencionaram sua epilepsia, por desconhecerem-na. Era tão excepcional no que fazia que Harold Bloom passou a defendê-lo como o “maior literato negro da história”. Sua trajetória de imensa ascensão social fez seu olhar familiarizar-se com classes sociais distintas, as quais inseriu em sua produção através da crítica e do humor (LITERAFRO, 2024; FFLCH USP, 2023).

Membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL), foi seu primeiro presidente eleito, de 1897 até 1908, por ser o maior escritor vivo e se esforçar desde cedo em agrupar os literatos, seus semelhantes. “Isso revela grande trato social” (RIHU³, 2017). Tendo por pano de fundo os movimentos romântico e realista, produzia peças literárias no terreno dos contos, romances e das crônicas, as quais, ao fundir banalidades com alta cultura, originaram a crônica nacional moderna. Era negro e por isso mesmo um crítico astuto e analítico da vida imperial do maior país escravagista do século XIX, extraído de tal contexto muita matéria-prima para sua produção, feita sobretudo com uma perspectiva crítica e irônica (Vilarinho, 2020, p.2; Literafro, 2024; Fflch usp, 2023).

Ademais, tendo em vista a originalidade de sua produção (o que denota transvalorização dos valores⁴) e a força vigorosa de seu caráter — o que demonstra grande vontade de potência, conforme se verá adiante —, conseguiu fazer com que a elite escravocrata se curvasse diante dele, de modo a ser um dos raros escritores brasileiros a obter amplo reconhecimento social ainda em vida, algo que poucos haviam conseguido alcançar (FERREIRA *et al*, 2023, p. 2).

Além do mais, a corrente literária do Realismo já tinha despontado na França e em outros países europeus,

mas ainda nada dela havia sido confeccionado no Brasil antes de Machado, diferente do Romantismo. A transição deste último para o retrocitado Realismo no país ocorreu graças ao lançamento do primeiro livro da assim denominada trilogia realista de Assis, qual seja, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de 1881, sua obra mais aclamada até hoje (Vilarinho, 2020, p. 3). Com isso, operou verdadeira “transvalorização dos valores” literários em solo pátrio. Teve essa coragem, quer dizer, exerceu a “potência” de modificar o paradigma literário de todo um país.

A literatura brasileira emancipou-se em relação aos moldes europeus com o Realismo machadiano (transvalorização), o que destacou Assis “no panteão dos grandes e maduros escritores” (Vilarinho, 2020, p. 4). Desta feita, fica clara a vontade de potência do escritor, que realizou esforço hercúleo a fim de ser consagrado entre os maiores escritores do planeta, apesar de todas as adversidades pelas quais passou na vida.

Ademais, é salutar mencionar que Assis era considerado uma pessoa tímida, e que encontrou na literatura a possibilidade de extravasar seu eu e fazer aquilo que não tinha coragem na realidade, por meio de seus personagens, por exemplo (Vilarinho, 2020, p. 3). Pode-se dizer que houve uma transferência da vontade de potência para a escrita. Se faltava-lhe coragem de atuar no mundo real, transcrevia sua vontade para a ficção. E por meio disso, transvalorou os valores (quem sabe até os valores da sociedade brasileira) e remodelou a literatura.

O personagem principal, Brás Cubas, “é acintoso, de uma inconstância absurda, dado a mistificações e insinuações indignas, capaz de baixezas contra as personagens e o leitor”. É um agressivo membro da elite branca carioca (Vilarinho, 2020, p. 3; Fflch usp, 2023). Aqui a transvalorização se manifesta porque não temos mais apenas personagens cuja função é edificar ou moralizar, não estão mais em evidência os valores (cristãos) da compaixão, da bondade, amor, mas, pelo contrário, Machado guia-se pela construção de personagens amorais ou que criam seus próprios valores, ainda que em oposição aos moralmente aceitos pela sociedade dita civilizada.

Sua vida foi altamente estressante. O Estado tentou monitorá-lo ao transformá-lo em escritor oficial do país. Assis fingiu deixar-se monitorar, porém seus escritos continuaram corrosivos e reveladores acerca da ideologia da classe dominante. Portanto, ao esforçar-se em ameaçá-lo, a elite tornou viável as discussões a respeito da luta de

² No mais, um episódio ilustre há de ser mencionado. Trata-se da carta de José de Alencar, publicada em jornal, na qual pede a Assis que ilumine os passos do poeta moço Castro Alves. Isso significa que Machado tinha tanto poder em mãos graças à sua capacidade de crítico, que chegou ao ponto de ser introdutor de jovens escritores no espaço literário nacional. Estes pediam-lhe bênçãos (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, p. 13)

³ Entrevista com Luís Augusto Fischer, Doutor “em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, onde leciona”.

⁴ “Transvalorar é suprimir o solo a partir do qual os valores até então foram engendrados, é inverter os valores: transformar em ‘ouro’ o que até então foi odiado, temido e

desprezado pela humanidade. É, ainda, criar novos valores, análogo aos legisladores: estabelecer novas tábuas de valores” (MARTON, 2020, p. 5-6). Nietzsche fala aqui também de destruir a metafísica, o além, o mundo suprasensível de Platão, pois foram estes o solo que possibilitou a criação dos valores judaico-cristãos, da moral escrava. Machado em suas críticas aos escritores anteriores e a Eça de Queiroz, preparou o terreno para sua nova produção. Ele primeiro argumentou contra o que se havia produzido até então, e a partir daí criou seus próprios valores, seus romances a partir do que julgou ser melhor (Coutinho *et al*, 1959).

classes. Ademais, o romance sobre Brás Cubas, influenciado pelo humorismo inglês, mudou paradigmas. O narrador não seria mais onisciente, mas contraditório, sem forças e despido. Os heróis em busca de glória deixaram de ser necessários, para dar lugar ao homem mediano, sem especificidades e nobreza. Ao trazer de maneira inédita o humorismo inglês para a literatura brasileira e até portuguesa, fez a transvaloração dos valores literários. Foi um inovador. Sua obra foi tão rica e fecunda que forçou a crítica brasileira a abrir mão de julgamentos pautados somente a partir do cânone francês, para incluir também a produção literária inglesa pela primeira vez. Ele desviou o foco literário concentrado quase exclusivamente na França, para incorporar elementos de outros países, como os do mundo anglófono (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, p. 3, 5, 14; GUIMARÃES, 2008, p. 7-8).

O romance de Assis, “narrativas repletas de camadas” (FERREIRA *et al*, 2023, p. 3), distinguia-se bastante daqueles confeccionados em sua época, produzindo estranheza no leitor, que só se veria habituado a esse tipo futuramente, em autores como Virginia Woolf, por exemplo. Sua obra abalou os conceitos até então aceitos sobre o que seria romance, alargando e complexificando as visões a respeito dele no final do oitocentos. Os críticos reiteradamente mostravam-se confusos diante de seu trabalho, alguns considerando ter ultrapassado a definição clássica de romance; outros destacaram a ausência de algum elemento, como a falta de movimentação. Estabelecer pontos fixos, “*descobrir a bússola que dirige a pena do escritor*” (Guimarães, 2008, p. 2), a fim de dar-lhe tratamento era complicado (Rihu, 2017; Guimarães, 2008, p. 1-2).

Os escritos machadianos também não se prestam a edificação moral, sendo antes, talvez, amorais, pois o comportamento humano é delimitado por circunstâncias, as quais, por sua vez, geram o vício ou a virtude. Então, as ações são influenciadas por causas externas, que atenuam a responsabilidade individual. De qualquer modo, os instrumentos empregados pela crítica, no século XIX, eram pobres e os críticos se viram vencidos pelos romances de Assis, os quais, dentre outras coisas, não se encaixavam em seus conceitos de romance nacional. Inclusive alguns deles, como Araripe, reconheceram as limitações de seus pressupostos de julgamento, ao lado da grandiosa inovação das narrativas de Machado (GUIMARÃES, 2008, p. 2-3,6).

Um de seus livros mais famosos, Quincas Borba, parte da trilogia, foi outro exemplo de transvaloração dos valores na literatura brasileira e causou grande impacto à época, por tratar de questões da filosofia pessimista de Schopenhauer, do darwinismo social e praticar rica intertextualidade com clássicos como os de Goethe (Fausto, de 1829), Cervantes (Dom Quixote, de 1605) e Voltaire (Otimismo, de 1759) (FERREIRA *et al*, 2023, p. 3).

Outrossim, é possível extrair uma filosofia “machadiana” a partir de suas narrativas, tanto é que foi considerado o primeiro narrador brasileiro a possibilitá-lo em suas obras, o que demonstra a riqueza e fecundidade de seus escritos e tratar-se de autor original e que transcende os valores e normas impostas, sejam elas implícitas ou explícitas. Ou seja, ele foi tão inovador ao permitir leituras

filosóficas de seus textos, que foi além da pobreza filosófica das narrativas brasileiras anteriores, se é de bom tom dizê-lo, com as quais isso não era praticável (FERREIRA *et al*, 2023, p. 3).

Além do mais, Quincas Borba e os outros romances contêm profunda crítica à sociedade brasileira do século XIX. Neles, os excluídos sociais e das narrativas de até então ganharam destaque, a exemplo das mulheres, que nos livros românticos eram dicotômicas, personagens pobres (a santinha ou a totalmente vilanesca), mas que dentro do universo machadiano passaram a ser complexas, nem preto e branco, porém acinzentadas. Isso modificou inclusive a forma como eram enxergadas pela população, quer dizer, pelos homens (brancos). Pode-se dizer, assim, talvez, que Machado teve importância não desprezível na mudança de mentalidade em relação a elas aqui no Brasil (FERREIRA *et al*, 2023, p. 3).

Foi também ele quem, como crítico literário e árbitro que era entre os escritores, estabeleceu que para a literatura nacional não bastava citar nomes da fauna e da flora nativa, mas antes muito mais se fazia necessário. De novo, Machado é visto mudando costumes, convenções e valores (FERREIRA *et al*, 2023, p. 3).

É mister enfatizar que seu sucesso e reconhecimento enquanto literato foi tanto, que obteve amizade com a dinastia real dos Bragança e frequentava-lhes as altas rodas. Foi um dos nacionalistas mais notórios que o Brasil já conheceu, sobretudo quando o assunto era literatura, a respeito da qual tratou bastante em publicações. Ademais, escreveu incontáveis prefácios aos livros dos escritores mais jovens (Vilarinho, 2020, p. 3; Fflch usp, 2023). Novamente, aqui, cabe percebê-lo aproveitando as oportunidades da vida e não se fechando ao todo. Há também a possível leitura do super-homem com vontade de potência de ser conhecido, de ascender, e, quem sabe, de dominar e conquistar.

Além disso, Machado foi ávido observador de seu entorno, de seu tempo, e primoroso leitor de diversas obras literárias, não só em português. Isso simboliza superação de barreiras, pois um negro ser não apenas leitor em várias línguas, senão o maior prosador brasileiro de todos os tempos é algo excepcional, raro e mesmo altamente improvável dentro daquele contexto dos oitocentos brasileiros. Em sua produção, há abundantes alusões a escritores e relevantes filósofos estrangeiros, sobretudo ingleses e franceses. Era tradutor também, tendo vertido para o português livros de Shakespeare, Dante, Edgar Allan Poe, e outros (FERREIRA *et al*, 2023, p. 4-5).

Machado transplantou para seus escritos tardios abrangente cultura teatral absorvida durante a juventude, e, precisamente por ser leitor, detentor de considerável erudição clássica e tradutor de trabalhos alienígenas, recepcionou boa parte da tradição literária ocidental. Ele também foi além de seus antecessores na captação dos fatos sociais, da vida social em solo nacional e no uso crítico da literatura pátria produzida até aquele momento. Tudo isso sem incorrer obrigatoriamente no exótico e ficar preso às descrições de paisagens típicas do romantismo. Portanto, em sua obra convivem harmoniosamente questões nacionais e universais, na assim denominada “dialética entre o local e o universal” (Ferreira *et al*, 2023, p. 5-6, 21; Vilarinho, 2020, p.3).

Tendo isso em vista, pode-se dizer que por ser tradutor e ter incorporado os textos traduzidos à sua própria criação, funcionou como disseminador de “tendências estéticas, literárias e culturais” de outras épocas, povos e nações. Por exemplo, ao traduzir Shakespeare e o introduzir em sua escrita, trouxera um pouco da Inglaterra do século XVI para o Brasil de 1800 (Ferreira *et al*, 2023, p. 6-7).

Outrossim, Quincas Borba é um exemplo de que, em vez de se fazer manifestos contra o *status quo*, os quais são claros, abertos, diretos e que podiam trazer riscos à reputação e imagem social de Assis, como perseguições, muito mais inteligente é optar pela via literária, mais velada, fictícia, e protegida pela camada de ironia. Para não se fazer claro demais, preferiu o romance, sujeito a múltiplas interpretações, por ser mais obscuro e dissimulado que um panfleto revolucionário, o qual seria bater de frente abertamente contra a elite. Machado, portanto, foi um estrategista sofisticado (Ferreira *et al*, 2023, p. 22).

3 A NEGRITUDE EM ASSIS

Na época do Brasil Império (1822-1889) houve muita discussão a respeito da abolição da escravidão. Os que eram contrários argumentavam que os negros eram inferiores por natureza. Os favoráveis a defendiam alegando a resistência e inconformismo dos africanos, por meio de “rebeliões, fugas e formação de quilombos”. A primeira lei anti-escravista data de 1831, e almejava proibir o tráfico; mas foi completamente ignorada, não sendo aplicada pelas autoridades. Por causa das pressões internacionais, surgiu a famosa Lei Eusébio de Queiroz em 1850 e assim os traficantes começaram a ser expulsos, aos poucos (Stancik, 2006, p. 4). Nessa época Machado tinha 11 anos e a escravidão ainda persistia no interior do país. Alguns colonos buscavam isentar-se da responsabilidade pela escravidão, aduzindo que os próprios africanos vendiam a si mesmos como escravos, voluntariamente, aos traficantes. Em outros termos, essas pessoas culpavam os negros pela sua própria escravidão. Estes não seriam vítimas, mas algozes. E eram totalmente descartáveis nessa sociedade, sua humanidade negada, sem direitos: se ficassem doentes ou se acabassem os alimentos do navio negreiro, os brancos lançavam-nos ao mar, como objetos (Stancik, 2006, p. 4).

Apesar das leis, no oitocentos a escravidão intensificou-se, com bastante comercialização nos portos de todo o país. Nem mesmo as crianças africanas escapavam à escravidão instituída por Portugal, a qual não tinha limite de idade. Os jornais retratavam essa realidade, além de mencionar as fugas, para os quilombos, daqueles que queriam se ver livres da brutalidade senhorial. Por exemplo, queimavam-lhes a pele com ferro em brasa a fim de que fossem mais facilmente capturados caso escapassem de seus “donos”. Estes às vezes até ofereciam benefícios e recompensas para quem os ajudasse a trazer os prisioneiros de volta (BRAGA *et al*, 2025, p. 4-5).

Havia, além do mais, defesa ideológica do extermínio daqueles que resistissem ao eurocentrismo, alcunhados de selvagens cujo desaparecimento cultural, histórico e carnal não tardaria. Apesar disso, negros e indígenas teimavam em lutar e persistir em suas raízes, através de insurreições e solidariedade mútua (BRAGA *et al*, 2025, p. 6, 10)

Completados os 22 anos, Machado sofria com resignação e silêncio o racismo, a falta de dinheiro, a epilepsia e sua inferioridade social. Ainda por cima era taxado de feio. Tais fatores em conjunto foram determinantes para sua vida e obra. No fim, graças à sua ambição, venceu todos esses obstáculos e tornou-se o maior escritor brasileiro. Escreveu sobre a escravidão e fez do negro, a partir de suas características essenciais e por meio de arquétipos, personagem de seus textos. Através de sua produção, elevou-se socialmente, o que raramente ocorria a mestiços como ele. Para alguns, isso significou usurpar o espaço pertencente aos brancos, tanto é que de Brás Cubas para frente os protagonistas são membros da elite brasileira, isto é, estaria enxergando as coisas da perspectiva dos senhores. Tal se deu pela confusão entre autor e narrador, com muitos considerando Brás um alter ego de Assis (Campos, 2020, p. 3-4, 5-7; Vilarinho, 2020, p. 1; Proença, 2021, p. 2).

Contudo, através da “ginga capoeirista”, princípio analítico empregado pelo Doutor Eduardo de Assis Duarte⁵, Machado contradizia o que seus narradores afirmavam, o que só é percebido com uma leitura atenta de seus textos, sobretudo ao uso da ironia. Se o leitor ficar preso na literalidade, não perceberá as críticas implícitas que o autor fez ao racismo em sua obra. Parece que ele está naturalizando a situação, quando na verdade, a partir do sarcasmo e do “disfarce”, percebe-se justamente o contrário, uma crítica indireta ao contexto social. Então, mesmo que o narrador afirme algo, quando Machado, pelo cenário, dá a entender sua não confiabilidade, por causa do excesso de ciúmes ou insegurança, por exemplo, em Bentinho, isso é um dado que um analista de seus escritos não pode ignorar. Assim, pela construção do texto, ele está a todo momento desdizendo seus narradores, mostrando aos leitores que aqueles estão enganados, errados. Por isso, o avaliador não deve tomar a posição do personagem como se fosse a do autor. Logo, o escritor não foi indiferente e silente sobre a escravidão (Proença, 2021, p. 2-3; Oliveira, 2021; Duarte, 2022, p. 2).

Além disso, sua ginga verbal capoeirista, disfarçada e envolta no engodo, era defesa imprescindível em um contexto completamente hostil. Como era negro, foi preciso dissimular suas críticas, “não apenas nos escritos especificamente jornalísticos, mas também em contos, romances e outros textos” (Duarte, 2022, p. 3), para que ocupasse a posição que ocupou. Por exemplo, em seus romances era comum a morte do senhor, o qual simbolizava o próprio regime escravista morrendo, por ser seu pilar fundamental. Desse modo, ele ludibriou a elite branca, fazendo-a pensar que era indiferente à escravidão e que aceitava o *status quo*, quando, na verdade, este era objeto de suas críticas, ocultadas pela ironia sofisticada. A

⁵ Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela USP (1991).

vontade de potência e o autocontrole fizeram-no chegar longe (Proença, 2021, p. 3; Oliveira, 2021; Duarte, 2022, p. 3).

Em suas peças, a escravidão foi mostrada em toda sua crueza e brutalidade contra o físico e mental dos africanos. Assim, houve crítica, mas não direta e clara. Optou por meios menos conflituosos, nos quais concedeu “espaço para a emergência de alguma voz” (Vilarinho, 2020, p. 4), pois até então eles eram praticamente invisíveis enquanto sujeitos diante do mundo letrado (Vilarinho, 2020, p. 4). Outrossim, Assis sofreu um embranquecimento de sua imagem devido ao fato de sua extraordinária ascensão social. Seus pares simplesmente não conseguiam reconhecê-lo como negro, com alguns chamando-o de ariano ao fim da vida. Quanto mais ascendia e mais se tornava melhor escritor, mais embranquecia, de acordo com eles. Joaquim Nabuco foi um dos que o consideravam branco. (Campos, 2020, p. 4-5; RIHU, 2017).

Empregou bastante o sarcasmo. Não houve necessidade de crítica direta à escravidão: bastou-lhe citá-la pela ironia literária como contraposição ao regime. Em seu livro⁶, Duarte menciona incontáveis alusões ao escravismo em peças, críticas teatrais, “crônicas, contos e romances”, nos quais há inclusive escárnio da suposta superioridade europeia (Vilarinho, 2020, p. 1-2; Proença, 2021, p. 3).

Apesar de ter usado da “pena da galhofa e da tinta da melancolia” contra a escravidão em sua literatura realista, mesmo assim, pode-se querer argumentar que Assis não foi um protagonista da abolição e da luta antirracista, como o foram Patrocínio, Castro Alves e Lima Barreto (Vilarinho, 2020, p. 3). A bem da verdade, se tivesse sido mais aberto em seu embate, provavelmente não teria alcançado as coisas que conquistou, não seria considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos, teria destino semelhante ao de Barreto, relegado ao ostracismo. Aliás, “afirmar a preferência por Lima Barreto não deixa de ser também uma forma indireta de manifestar maior simpatia por seu destino, trágico decerto, porém mais ‘condizente’ com sua raça”(Oliveira, 2021). Destarte, poderia ter sido perseguido, perderia os cargos públicos (se é que os tivesse ocupado), o prestígio social. Não teria o espaço e admiração que teve e nem mesmo seria considerado “branco” por alguns de seus pares (Oliveira, 2021).

Isso por causa do racismo, se já não estava óbvio, o qual era imensamente maior naquela época e que objetivamente lhe obstaria todas essas conquistas. Escreve o Doutor Acauam Oliveira⁷: “Coloca-se em termos pessoais o que é resultado de processos sociais, de modo a fazer com que o racismo emerja como algo circunstancial ao invés de determinante” (Oliveira, 2021). Será que foi frio, calculista, premeditado, conforme os biógrafos, tudo a fim de “driblá-lo”? Sabia o que lhe sucederia e calculou meticulosamente seus movimentos? Afinal, seu sucesso também dependeu de ter se cercado de gente importante,

adentrado no círculo da elite intelectual branca e letrada, quer dizer, foi aceito nele, bajulou o imperador em escritos⁸, era relativamente próximo ao poder, etc. Aqui entraria o autocontrole e a vontade de potência para alcançar prestígio social e ingressar na elite nacional. Teria feito seus próprios valores e os hierarquizado? O certo é que lutou contra a escravidão a seu modo, mas também quis conquistar seu lugar (nada mais justo), ainda que tivesse de usar a dissimulação como estratégia. Talvez tenha colocado a si mesmo, sua força, seu prestígio em primeiro lugar, sua dominação sobre outros seria mais importante, sem deixar de sê-lo a causa negra, à qual, contudo, teria restado o segundo lugar. É uma interpretação. (Oliveira, 2021; RIHU, 2017).

Um exemplo do que poderia ocorrer a Assis caso se rebelasse contra o *status quo* vem, além de Lima Barreto no campo literário, de Estevão Roberto da Silva (1845-1891) na pintura. Um dos maiores pintores que o país já teve, por ser negro, foi lhe negada premiação pela AIBA (Academia Imperial de Belas Artes). Protestou, alegando a clara injustiça do evento, afinal, todos esperavam sua condecoração. Seu protesto gerou escândalo entre os brancos e por isso puniram-no com suspensão dos quadros da AIBA por um ano, sob a alegação de “falta de inteligência”, quer dizer, por ser negro teria uma inteligência menor e isso causara sua revolta. Então, por racismo, foi punido múltiplas vezes: ao não receber o que lhe cabia; ao ser suspenso após seu justo protesto e ao ser alcunhado de pouco inteligente por fazê-lo. Só não o puniram mais gravemente pela “insolência” por ser tido por deficiente intelectual. Tripla humilhação: sem prêmio, suspenso e chamado de burro (Silveira, 2019, p. 6-7).

Machado registrou a resistência dos negros em sua produção. Por exemplo, em crônica de 1887, criou o personagem Pai Silvério, o qual fala: “pancada, quando não vendo, / Pancada que dói, que arde; / Se vendo o que ando vendendo, / Pancada, por chegar tarde”. Ademais, criticou os poderosos de seu tempo, fazendo uso de pseudônimos para tanto. De forma genial, denunciou a elite branca, qualificou-a de egoísta, imoral, incivilizada, opressora, cruel e, apesar disso, acolheram-no e louvaram-no. Foi grande crítico do Brasil imperial racista e escravocrata governado por brancos opressores e cruéis, mas conseguiu, por meio da sutileza e ironia, ser entronizado por eles como o maior dos literatos, superando-os. Portanto, de modo algum pode-se afirmar que Assis negligenciou os negros (VILARINHO, 2020, p. 4-5,9; OLIVEIRA, 2021).

Seu ceticismo foi corrosivo e sua ironia devastadora. Sendo o Brasil problemático em vários níveis, sua literatura refletirá corrupção e depravação, mesmo em escritores com projetos moralizantes. Assim, Assis consolidou-se como uma força destrutiva e negativa, que não se presta à construção de uma literatura dotada de positividade. E toda essa força era direcionada contra a elite intelectual branca, manifestada em personagens como Bentinho, Brás Cubas ou Quincas Borba, frise-se, pela “pena da galhofa” (Oliveira, 2021).

⁶Livro: “Machado de Assis afrodescendente”, do Doutor Eduardo de Assis Duarte.

⁷Doutor em Literatura Brasileira pela USP. Professor adjunto da Universidade de Pernambuco.

⁸“Ao panegírico ao imperador, por ocasião de seu aniversário” (Coutinho *et al*, 1959, p. 4).

Outrossim, é viável afirmar elementos de negritude em sua forma de escrever e enxergar a realidade. Quer dizer, ele incomoda pois não é o branco dissertando sobre o negro, mas este escrevendo sobre aquele. Deixou de ser objeto de análise e tornou-se sujeito, agência, que produz texto, estudo, literatura sobre a sociedade e seus governantes, colocando um espelho diante deles e lhes mostrando suas contradições, falhas, em suma, mostrando-lhes que não são o centro do mundo, que há outras formas de se ler a vida e filosofar e que elas podem vir de sujeitos não-brancos (Oliveira, 2021).

Ademais, a branquitude não consegue enxergar o que há de negro em Machado, pois falha em ver um “outro” que não a reflita, que não lhe seja espelho. Quer dizer, ela só visualiza seus próprios reflexos. Se há algo fora disso, não perceberá. Por isso, todos os valores do negro, de seu povo e raça, são impenetráveis ao europeu, que no máximo reconhecerá uma distorção estereotipada, como a do militante antirracista, por exemplo. Todas as demais sutilezas lhe escaparão (Oliveira, 2021). Some-se a isso o tom crítico de seus textos, ocultado por meio de forte dissimulação. Como dito, não se envolveu em polêmicas, não produziu panfletos e manifestos ruidosos e agressivos, talvez por ser cético, ou por temperamento e discrição. Um exemplo que ilustra seu caráter não confrontativo, doce e até bem humorado foi quando recebeu de braços abertos Sílvia Romero, seu maior crítico que inclusive o xingara, na ABL, o que revela seus modos polidos, visto ter tido o poder de vetá-lo (Rihu, 2017).

Mesmo assim, não deixava de analisar os “rumos do processo histórico” (Duarte, 2022, p. 2), além de ridicularizar as modas de seu tempo, como o cristianismo, o racismo científico, o positivismo, o darwinismo e o romance de tese naturalista (Duarte, 2022, p. 2). Porém, para ser aceito e bem sucedido, Machado precisou se adaptar aos modelos europeus. Tudo isso, frise-se, em um contexto perigoso, no qual negros eram considerados “boçais e degenerados”⁹. E apesar dele, triunfou como o melhor dos literatos brasileiros, em uma atividade restrita quase que totalmente aos brancos, no universo destes (SILVEIRA, 2019, p. 2, 14-15).

Portanto, a visão machadiana foi “construída desde fora” (Oliveira, 2021) e com ela desmanchou a branquitude em seus fundamentos. Fez do branco, em sua produção, matéria-prima de seu “anti-projeto” cético e niilista¹⁰ e, graças a isso, conseguiu destruir sua estrutura de poder — ao mostrar como a elite branca é podre, parasitária, aproveitadora, cheia de vícios, vazia, mediocre, tal qual Cubas e Santiago —, partindo do olhar negro que “vê sem nunca ser visto” (Oliveira, 2021), o qual é também aquele da morte (como em Brás Cubas, o defunto autor, por exemplo), contrário à essência “da modernidade” europeia. Um exemplo desse olhar, o qual não deixa de estar protegido pela dissimulação e pelo engodo, empregado em

prol dos negros deu-se no conto “Mariana”, de 1871, em pleno debate sobre a Lei do Ventre Livre. Nele, Assis usa da voz de alguém da elite, a fim de destacar a pureza de uma escrava, então apaixonada por seu “dono” (Duarte, 2022, p. 4).

Outrossim, a maioria dos seus críticos (brancos) nada ou quase nada fez pela emancipação do povo negro, não se preocupou nenhum pouco com isso ao longo de suas vidas, pois são beneficiados pelo racismo, e, quando veem um afrodescendente bem sucedido que não age conforme suas expectativas de militância — afinal, dizem alguns deles, um bom negro é um militante antirracista barulhento —, reclamam, cobram dele aquilo que não fazem. É um comportamento paradoxal (Oliveira, 2021). Mas nada disso é suficiente para abalar a reputação de um dos maiores da tradição literária ocidental, cuja negritude por si mesma não contribuiu para sua consagração mundial, dando-se esta apesar daquela, o que as fortalece ambas imensamente. Nem deixa ele de ser “o grande crítico da estrutura social brasileira e da escravidão” (Rihu, 2017).

Por fim, um último exemplo. Em um de seus inúmeros momentos de genialidade, fez Brás Cubas “agradecer a Deus por nunca ter necessitado comprar o pão com o suor de seu rosto” (Rihu, 2017), o que é hermenêutica de maestria a respeito do Brasil e de sua sociedade. Quer dizer, Machado, que laborou em toda sua vida, desde a infância vendendo doces, que nunca descansou, fazendo sair da boca do elitista uma tal colocação, que nunca é bem evidenciada pelos estudiosos de sua obra. Portanto, ele criou protagonistas da elite branca não para enaltecê-los, mas para ironizá-los. Ao aparentemente seguir as regras do jogo, além de ter obtido a posição central de destaque na literatura, ainda zombou da elite poderosa, mostrando ao Brasil sua podridão, superficialidade e vazio, em vez de engrandecê-la, como era a norma. Assim: “armou bombas literárias de efeito retardado que ainda hoje explodem!” (Rihu, 2017; Oliveira, 2021).

Por tanto, tendo em vista o exposto, pode-se afirmar que ele só venceu o racismo (talvez não totalmente) e apoderou-se da cadeira número um da literatura nacional, reservada apenas aos brancos (Oliveira, 2021), porque fez o que fez, isto é, foi cordial, amenizou seu temperamento, não se envolveu em brigas, em escândalos, foi complacente com seus adversários como Sílvia Romero, teve trato social, soube bajular as pessoas certas e cultivou as amizades que mais poderiam beneficiá-lo. Isso não é demérito, nem sinal de interesse (talvez seja, o que não é problema). Antes, é instinto de sobrevivência. É vontade de potência, de sobreviver, de se sobressair em uma sociedade hostil, o que, aliás, é perfeitamente compreensível e elogiável. Nietzsche o aplaudiria pela frieza e pela estratégia. Isso tudo a despeito do desejo dos brancos, que

escreveu o livro “A voluptuosidade do nada: niilismo e galhofa em Machado de Assis”. Nele, demonstra que “o niilismo do narrador é submetido à pena da galhofa do autor. Ou ainda: se alguns narradores e personagens são niilistas, o escritor não necessariamente o é, e ironiza esse niilismo” (CEI, 2016; Escavador, 2025).

⁹José Veríssimo, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, assim os denominou em artigo de 1901, perto da morte de Assis (Silveira, 2019, p. 2).

¹⁰A suposta presença do niilismo em sua obra não invalida o que até aqui foi escrito sobre Assis neste artigo. Sobre isto, Vitor Ceí, doutor em Estudos Literários pela UFMG,

adorariam ver mais um negro permanecendo em situação inferior (Oliveira, 2021).

4 NIETZSCHE E MACHADO

Machado talvez não tenha tido contato com as obras de Nietzsche. Logo, não tomou conhecimento dos conceitos mencionados adiante. O que se pretende elaborar aqui em alguma medida é anacrônico, talvez. Mas isso não é problemático, afinal, o próprio filósofo fez uso de pessoas nascidas em épocas diferentes da dele para criar, desenvolver e aplicar tais categorias. E não é necessário que alguém tenha o lido para que seja gênio, espírito livre ou super-homem, da mesma forma que Napoleão, que se aproximou desses conceitos de acordo com o pensador, ou quicá os tenha encarnado, não conheceu a produção do alemão, por lhe ser cronologicamente anterior. Usar o anacronismo é o próprio método de Nietzsche nesse caso.

De qualquer maneira, trata-se de um “será”, de um exercício de imaginar Assis encaixando-se quase que perfeitamente neles. É claro que o super-homem, por exemplo, quem sabe, nunca tenha existido, sendo apenas um alvo. Porém, é interessante analisar o quão bem algumas figuras históricas de relevo se enquadraram nesses papéis. Nietzsche em alguns escritos mencionou nomes como Schopenhauer, Wagner e Napoleão, homens disciplinados, autocontrolados e os últimos dois bons estrategistas e calculistas, como Assis. Pretende-se aqui adicionar mais um à listados que supostamente alcançaram a meta de serem batedores de metas, superadores constantes de si próprios. E um negro brasileiro do século XIX, no maior país escravagista do planeta, cujo racismo se faz presente em todas as estruturas sociais, para servir como modelo de uma filosofia tão distorcida ao longo do século XX, é algo um tanto belo.

4.1 O CONCEITO DE GÊNIO

A estreia da noção de “gênio” em Nietzsche deu-se na obra “O nascimento da tragédia”, seu primeiro livro lançado. Esse conceito diz respeito ao sujeito que da realidade concreta (como a vida cotidiana no Rio de Janeiro do século XIX) cria “produtos culturais” (como a literatura) que superam a coletividade decadente. Ele está constantemente atrás da autossuperação, diferente do fraco, que deseja a autoconservação. A interpretação de “autossuperação” varia entre os estudiosos de Nietzsche. José Amorim de Oliveira Júnior explica que o sujeito com plenitude de vida é aquele que mais se autossupera. Haja vista que a existência é o paradigma de autossuperação, esse conceito diz respeito a intensificar a vida, fortalecer os impulsos vitais (Peixoto, 2016, p. 2).

Avaliar se algo diz sim à vida é questionar-se se ele ajuda a fortalecê-la ou a atrapalhá-la. Trazer pensamentos ou ações à análise genealógica é se perguntar se representam uma vida plena ou de decadência, se traduzem uma vida ascendente ou declinante (Marton, 2020, p. 3-4). Quando usa da ironia refinada, do sarcasmo e do humorismo inglêses para revirar de pernas para o ar as

crenças e valores de uma classe dominante mesquinha, hipócrita, vaidosa, egoísta e interesseira, colocando de frente dela um espelho a refletir toda sua feiura, Machado está afirmando sua própria vida, seus valores pessoais, suas convicções, está se colocando como juiz e soberano dela, está dizendo: sou melhor e superior a todos vocês. Ao fazer isso, Assis foi plenamente livre e poderoso, concentrando energia e vitalidade sob sua pena.

A aparição do gênio não deixa de ter por base o esforço empreendido pela pessoa, porém as instituições são necessárias ao seu surgimento. Na esteira de Nietzsche, por meio da interação com a realidade material, o aumento da vontade de potência se dá quando o sujeito torna-se apto a formar relações baseadas em emoções e laços positivos, como a alegria, amizade ou o prazer de ter vencido um obstáculo, os quais permitem um crescimento fortalecido da sua forma espontânea de agir no mundo e um melhoramento psíquico (Bittencourt, 2016, p.8; Peixoto, 2016, p. 3). De fato, no começo, Machado foi mais ajudado por pessoas do que por instituições. Por exemplo, parece que lhe foi negado assistir aulas¹¹ nas escolas e só pôde aprender a ler graças ao auxílio de algumas pessoas com quem fizera amizade. Mas, posteriormente, devido à sua genialidade, os jornais, editoras e, depois, as instituições governamentais abriram-lhe as portas e pôde alcançar cargos de prestígio.

Gênios são pessoas que estabeleceram sua marca original como modelo para as futuras gerações, cuja vida e obra espelham a magnificência da era na qual viveram e cuja trajetória é marcada por isolamento, dificuldades e, em razão de sua originalidade, cultivam desavenças (Peixoto, 2016, p. 3-4). Assis foi muito criticado por outros. Todos os escritores brasileiros após Machado de alguma forma lhe devem, seja como fonte de inspiração, seja como algo contra o que se opor e a literatura do século XIX foi grandiosa. A vontade de potência é oportunidade de superar a dor, o sofrimento, os obstáculos e a falta de força em prol da afirmação da magnitude da vida, por meio da elaboração de valores, produtos culturais e da concretização de outros tipos de realizações, como o alcance de algum objetivo importante. O gênio pode surgir inesperadamente, aleatoriamente, sobretudo em contextos hostis e desfavoráveis, e não se adequa à sua época (Bittencourt, 2016, p. 10; Peixoto, 2016, p. 4). Assis tinha tudo contra ele, a cor, o racismo, a pobreza, a gagueira, a epilepsia, não podia frequentar escolas, etc.

Se a pessoa é capaz de vencer obstáculos intransponíveis de qualquer tipo, após a obtenção do alvo desejado, por meio da realização de ações afirmativas ela cria dentro de si uma alegria oriunda precisamente do fato de conseguir ir além de suas limitações, de suas barreiras físicas, corporais e mentais (Bittencourt, 2016, p. 9). “A formação do gênio ocorre em meio a um conflito de impulsos por mais potência: o gênio é conjunto de impulsos que impõe uma determinada perspectiva ou estilo para manter suas condições de potencialização” (Peixoto, 2016, p. 6). Ao criticar seus pares, ao fazer crítica literária, Machado decidia o que era bom ou não, o que tinha ou não valor. Era ele o árbitro supremo entre os escritores

¹¹ “Não se sabe se lhe é dado assistir às aulas” (COUTINHO *et al*, 1959, p.3).

brasileiros, o maior dos julgadores e com isso mantinha grande poder em suas mãos. Graças a isso os escritores o ouviam e respeitavam, os mais jovens vinham lhe pedir que escrevesse prefácios às suas obras, novos escritores como Castro Alves foram introduzidos ao meio literário por sua causa, além, é claro, de ter criado novos padrões para a literatura. Ou seja, ele estabeleceu os modelos a serem seguidos.

Apesar de autônomo em relação à cultura, a gênese do gênio, de um modo protetor, acolhedor e que o aquece, se desenvolve como um amadurecimento dentro das práticas culturais de uma dada sociedade (Peixoto, 2016, p. 3). Machado recebeu oportunidades diversas ao longo de sua vida e aproveitou todas muito bem. Frequentava sebos, onde podia discutir suas leituras com outros e, quando se aventurou em suas publicações, foi acolhido pelos outros homens de letra. Eles acatavam suas críticas. Foi protegido, incluído. Como narrou um dos biógrafos, foi “auxiliado” em seu embranquecimento, em sua aspiração de subir na escala social. Conseguiu casar-se com uma branca de família portuguesa. A elite branca letrada o protegeu e aqueceu, debateu com ele, trocaram ideias, dialogaram de igual para igual.

4.2 O CONCEITO DE ESPÍRITO LIVRE

Nietzsche escreveu:

[...] até a madura liberdade do espírito, que é também autodomínio e disciplina do coração e permite o acesso a modos de pensar numerosos e contrários – até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância, que exclui o perigo de que o espírito porventura se perca e se apaixone pelos próprios caminhos e fique inebriado em algum canto; até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente marca da grande saúde, o excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver por experiência e oferecer-se à aventura: o privilégio de mestre do espírito livre! (NIETZSCHE, 2000 apud PEIXOTO, 2016, p. 3).

Diante desta citação direta do filósofo retirada do artigo de PEIXOTO, pode-se inferir algumas coisas. Assis era disciplinado, autocontido, não usava drogas, não se entregava à bebida¹². Criou boa reputação, não se envolveu em confusões. Controlou seu espírito, seus ânimos. Se por acaso se sentia injustiçado, inferiorizado, não o demonstrava. Produziu vários personagens, cada um com

personalidade própria (riqueza). A abundância tratada por Nietzsche encontra-se em sua literatura, que é ampla e refinada. Ademais, a vida dele foi uma escalada, começou como um escritor medíocre, nos dizeres de alguns críticos¹³, e foi melhorando, produzindo obras com cada vez mais qualidade literária até o ápice da trilogia realista perto de morrer. Mesmo enquanto escritor “medíocre”, já era aclamado em vida e reconhecido como grande escritor. Se tivesse se acomodado não teria evoluído ao ponto de se tornar um autor universal. Viviu experiências não só com seus numerosos amigos, colegas e companheiros, com os quais se encontrava para debater todos os dias, mas também incontáveis experiências por meio de seus livros. A amizade dos colegas e o amor de sua mulher foram experiências abundantes em sua vida. Teve experiência de escrever contra o que discordava nos jornais, correndo riscos.

Machado com certeza disse sim a si próprio, às suas ideias, à sua criatividade e vitalidade, pois a partir de uma gloriosa afirmação a si mesma, aos seus desejos e impulsos, a moral aristocrática¹⁴ nasce (Marton, 2020, p. 2). Um exemplo disso foi quando Assis desejou narrar seu principal romance, *Brás Cubas*, do ponto de vista de alguém que já morreu, o que lhe deu total liberdade para escrever o que bem quisesse sobre os humanos e a sociedade em geral, sem amarras, sem medo de represálias, mas livremente, sem contenção, de forma afirmativa, criadora e até impulsiva. Pode-se mencionar sua famosa frase antinatalista¹⁵ adiante citada¹⁶, em um contexto no qual tal filosofia seria completamente inimaginável e até mesmo abominável aos olhos da população cristã imersa na máxima bíblica do “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (Gênesis 1:28). Até hoje o pensamento anti procriação é visto com maus olhos, quem dirá no oitocentos. Precizou-se de coragem e bravura para escrevê-lo. E só alguém com total desprezo pela opinião alheia para fazê-lo. Tal foi Assis. Lembrando que tudo isso passou pela pena do sarcasmo e da ironia¹⁷, o que é duplamente subversivo: tanto para a sociedade quanto para os pessimistas.

Segundo o filósofo em questão, principalmente naqueles que ultrapassam suas barreiras inatas, pode-se deduzir que qualquer comportamento humano excepcional precisa de um gasto altíssimo de energia. Se há muitas barreiras ao espírito livre, logo, ele terá diversas oportunidades de viver e aproveitar sua liberdade, que é a sua essência. As resistências oferecidas multiplicam as possibilidades (Peixoto, 2016, p. 5; Bittencourt, 2016, p. 9). Machado tinha todas as resistências do século XIX contra um jovem negro e mesmo assim dominou a língua

¹² “É um homem de hábitos comedidos — não só pelo temperamento, mas também em virtude da própria doença, que o afasta dos excessos” (COUTINHO *et al.*, 1959, p. 11).

¹³ COUTINHO *et al.*, 1959

¹⁴ Nietzsche escreveu: “Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este não é seu ato criador” (NIETZSCHE apud BITTENCOURT, 2016, p. 3). A moral nobre, aristocrática, é aquela na qual o sujeito é um afirmador da vida, de seus

desejos, de sua vontade de potência. O nobre ou aristocrata irá exercer seu poder no momento que bem lhe aprouver, com toda sua força e vitalidade.

¹⁵ Movimento filosófico contemporâneo de matriz pessimista cujo principal expoente é o filósofo sul-africano David Benatar.

¹⁶ “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

¹⁷ Partindo de Vitor Ceí, 2016.

portuguesa e utilizou-se dela para colocar a nação de joelhos. A renovação e a invenção de valores originais são realizadas pelo espírito livre, que reage contra a submissão absoluta das mentes e não respeita nenhuma autoridade instituída (Peixoto, 2016, p. 5). Machado rebelou-se contra o *satus quo*, contra o racismo, contra a escravidão ao subir socialmente e alcançar o topo da hierarquia literária e erudita do país. E rebelou-se na literatura, não podendo ser classificado direito em nenhuma escola¹⁸. Rompeu com o romantismo e introduziu o realismo no país. Antecipou muito das correntes literárias posteriores.

Nietzsche preocupa-se com a aparição de pessoas afirmadoras da vida, as quais devem constantemente ir além de si mesmas, superando-se. Desse modo, pode-se dizer que ao completar um objetivo, deve-se concretizar outro logo em seguida e assim sucessivamente, indo de meta em meta, sem parar. A fim de ultrapassar suas barreiras mentais, de modo a se conquistar plenamente, Zarathustra aduz que o indivíduo necessita ir além de si próprio (BITTENCOURT, 2016, p. 4; PEIXOTO, 2016, p. 6). Machado passou por vários estágios. Aprendeu a ler e escrever em português, depois em outras línguas. Após, começou a escrever e publicar. Foi aceito em jornais, posteriormente virou o crítico literário mais importante do país, ganhou sucesso e reconhecimento como o maior literato do Brasil. Depois, casou-se com uma branca portuguesa (alguém de casta, classe social superior), conseguiu entrar nos círculos da elite e, por fim, alcançou postos na burocracia imperial e depois republicana. Uma sequência de conquistas. Tudo isso sendo negro, gago e epileptico.

4.3 O CONCEITO DE SUPER-HOMEM

Nietzsche escreveu: “Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado (Nietzsche, 2010 apud Peixoto, 2016, p. 8). Tal anúncio traz junto a si uma exigência fundamental, a morte de Deus¹⁹. Deus precisa morrer para que possa surgir o super-homem” (Peixoto, 2016, p. 8). Interessante é atestar que Machado não era religioso e no fim da vida rejeitou a extrema-união²⁰. Talvez fosse ateu. Conhecia a filosofia de Schopenhauer e a introduziu em suas obras, como naquela frase de Cubas: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

O super-homem significa ir além do ser humano, o qual não deve circunscrever-se ao seu estágio atual e nem aquiescer com imposições alheias. A autossuperação deve ser constante. De acordo com Zarathustra, o sujeito, circunscrito pela moralidade decadente e por vulnerabilidades (gagueira, epilepsia), precisa vencer seu momento atual e tornar-se super-homem, batalhando de

modo a ultrapassar-se (Bittencourt, 2016, p. 4; Peixoto, 2016, p. 9).

Machado apropriou-se do que considerou útil nos seus antecessores, dominou a literatura portuguesa, brasileira e estrangeira, território então governado pelos brancos, pelos outros, impôs seu próprio padrão literário ao Brasil e incorporou o que considerou bom nos seus antecessores à criação de sua nova forma, de seu cânone. Isso é importante, pois para Nietzsche “viver é essencialmente apropriação, violação, dominação do que é estrangeiro e mais fraco, opressão, dureza, imposição da própria forma, incorporação e pelo menos, no mais clemente dos casos, exploração” (Nietzsche apud Marton, 2020, p. 4).

Não se deve empregar objetivos determinados, metafísicos, fixados no além, tendo em vista o uso de exegese para entender esse roteiro rumo à autossuperação, porque o fim dela é a terra, o mundo físico, a vida concreta, tal como ela é (Peixoto, 2016, p. 9). De fato, Machado não era religioso e sua superação não foi a de um santo cristão, mas sim daquele que ascendeu socialmente, melhorou de vida, saiu da pobreza e alcançou o topo da hierarquia social e dos letrados. E daquele que dobrou a própria língua portuguesa a seu favor e fez uso dela para dominar os homens de seu tempo e os da posteridade.

Ademais, já se viu que Machado manifestou-se pela questão negra. Mas se ele não foi mais incisivo, mais direto, mais claro, enfim, mais afrontoso nessa questão por egoísmo, para colocar-se a si mesmo e a seu sucesso em primeiro plano? E se ele tivesse percebido que não ser tão incisivo contra a escravidão, contra o *status quo*, não ser um crítico direto, embativo, que escrevesse panfletos e manifestos, que isso lhe garantiria o sucesso, a glória, a ascensão? E se ele colocou-se em primeiro lugar? É justo julgá-lo como omissos? Talvez, como frio, calculista? O certo é que Nietzsche o celebraria, pois para ele o egoísmo é um impulso vital essencial à vida (Marton, 2020, p. 4).

Se não ser tão confrontoso, incisivo e direto lhe garantiu a glória e uma vida plena, a supremacia sobre outros escritores, então isso foi bom no sentido nietzschiano para Assis, pois aumentou o seu poder, a sua dominação sobre outros literatos e sua influência sobre a sociedade como um todo. Isso porque para Nietzsche algo é bom se “satisfaz no homem o sentimento de potência, a vontade de potência, a própria potência” (Nietzsche apud Marton, 2020, p. 4).

A guerra pela cultura e a oposição a “todas as influências, hábitos, leis e instituições nos quais não reconheça a sua própria meta [...] a criação do super-homem” (Nietzsche, 1990 apud Peixoto, 2016, p. 3) cabe ao ser humano. Quando se pensa em Machado, observa-se que ele de fato lutou pela cultura, pela alta cultura. E era

¹⁸ “Porém, a escrita machadiana transcende o chamado realismo, de forma que pode ser caracterizada como tendo um estilo próprio” (Oliveira, 2018, p. 34).

¹⁹ Em seu artigo, Scarlett Marton menciona a interpretação de Heidegger sobre esse conceito de Nietzsche: “ao anunciar a morte de Deus, quer dizer que o mundo supra-sensível não tem poder eficiente e considera assim a sua própria filosofia um movimento antimetafísico, antiplatônico” (Marton, 2020, p. 11). Isso porque o

ocidente deixou de crer no platonismo cristão, fonte do niilismo e dos valores decadentes. A filosofia de Nietzsche é toda uma busca para superar essa situação e afirmar o valor da vida terrena.

²⁰ “Já à beira da morte, recusa o conforto espiritual da religião, que alguém sugere. Nunca fôra religioso, e aceitar os sacramentos seria incoerência” (Coutinho *et al*, 1959, p. 18).

crítico literário, combatia o que considerava inferior na literatura. E também, conforme sua biografia, era crítico de alguns atos do Império, defensor da abolição da escravidão e nacionalista. Defendeu a autonomia do Brasil na questão Christie²¹. E sua meta era construir um tipo superior de homem por meio da literatura, transformando a si mesmo e a seus leitores.

Ultrapassando a moralidade herdada e criando valores originais, novos, que dizem sim à vida, do super-homem pode ser dito que é inventivo e engenhoso. Por isso, deve-se batalhar para que pensamentos rasos, medíocres e preconceituosos sejam desprezados e desconsiderados, de modo que qualquer um tem capacidade de tornar-se esse ideal. O pretérito é superado, a culpa é deixada de lado e a vida é afirmada. Com a queda da metafísica ocidental e indo além do niilismo²², não é mais preciso obedecer ao mundo sobrenatural. Sem estar subjugado por fantasias, ele inventa sua história (Bittencourt, 2016, p. 12-3; Peixoto, 2016, p. 10). De novo, observa-se Machado saindo da pobreza, etc, e ele não cria em Deus, adotando, em vez disso, a perspectiva de Schopenhauer. Realmente, criou seu destino, muito diferente do dos outros negros da época e ocupa até hoje um lugar que os brancos se ressentem por não estarem ocupando (Oliveira, 2021). Ademais, além das teorias racistas do século XIX, as quais embasaram o preconceito e discriminação contra os afrodescendentes, há de se ressaltar que mesmo antes desse período o Brasil já continha como ideologia o racismo religioso derivado dos sermões católicos do Padre Antônio Vieira²³, principal arquiteto da justificação da escravidão em solo pátrio. E este pensamento pretensamente cristão já dominava a mente dos nacionais há mais de dois séculos antes de Assis. Foi também contra isso que Machado se insurgiu. Mesmo assim, ele não se deixou intimidar por essa cosmovisão e a desprezou e superou. Na verdade, superou inclusive o próprio Antônio Vieira.

A crença ateia é um melhoramento da vontade de verdade oriunda da metafísica tradicional. Restar somente um vácuo de valores, o niilismo e o pessimismo foi o pior da destruição da ideia de qualquer divindade acima da humanidade. O conceito de super-homem representa aquele que vai além da moral comum, de rebanho e das normas institucionais e sociais ligadas a ela. Não versa sobre um indivíduo extremamente forte e com dotes inacreditáveis e fantasiosos. Ele compreende que tais normas morais não possuem fundamento algum e, ainda

assim, não se permite ser levado pelo vazio, pelo nada oriundo da morte de Deus e do cristianismo platônico, e nem preenche essa ausência com qualquer ilusão que possa servir de consolação (Bittencourt, 2016, p. 4; Peixoto, 2016, p. 10).

A vida é apenas uma e o super-homem está plenamente aberto a ela. E, independentemente da existência de mundos supraterrâneos a governar a mente dos fiéis crentes, é criador de tábua de valores próprios, de sentidos para sua existência (Bittencourt, 2016, p. 4; Peixoto, 2016, p. 11). Fosse ou não ateu, não era religioso e rejeitou a extrema união no fim da vida. Além do mais, Machado teve vontade, que se manifestou em vida, por meio de suas numerosas conquistas sociais, literárias, burocráticas, etc, além de ser possível constatar a presença de valores aristocráticos, de dominação em sua vida e produção, pelo menos era o que deixava transparecer. Outrossim, Machado criou novos valores em seus escritos e revolucionou a literatura, a modificou profundamente, mudou os valores literários do país. Era um criador de seus próprios valores, fazendo isso com frequência. Alguns livros seus tratavam do pessimismo, por ele ser adepto de Schopenhauer, ou, quem sabe, por citá-lo sarcasticamente, a fim de ironizá-lo, sob a Pena da Galhofa, como defende o já citado Doutor Vitor Cei²⁴. De todo modo, esse pessimismo literário contrasta com sua vida afirmadora, com suas conquistas enquanto pessoa. Criou personagens com seus próprios valores, introduziu nova moral ou amoralidade dentro dos personagens, não era mais a cristã. Ele escreveu sobre adultério, etc.

Não podem ter a mesma substância a moral nobre, que tem origem autoafirmativa, e a moral dos escravos, negativa e opositora por natureza (Marton, 2020, p. 3). De Machado já se provou ter sido aristocrata. Já seus críticos e detratores, como Sílvio Romero, são reativos e ressentidos, por não terem conseguido alcançar o que aquele conquistou sozinho, com todas as adversidades a seu desfavor.

Em benefício da afirmação da existência, dos valores nobres e da criação de novos valores, tem-se a possibilidade de interpretar o super-homem como o potencial humano de superação dos limites morais que o rebanho social e decadente impôs. Em prejuízo de processos repetitivos, o super-homem relaciona-se com a inventividade e o engenho. Não se trata de um ideal perfeito e imóvel; também não é um número²⁵ kantiano,

²¹ “Descreve-o na Questão Christie, profundamente solidário com a opinião popular, com a opinião nacional, com a publicação anônima de um hino patriótico, musicado e largamente difundido e depois impresso para, com parte do dinheiro, serem comprados armamentos” (Coutinho *et al.*, 1959, p. 7).

²² O niilismo é a consequência direta da morte de Deus. É um estado do homem moderno relacionado à crise de valores, no qual ocorre um esvaziamento completo diante da queda do principal pilar de compreensão do mundo do ocidente. É quando os valores se mostram ilegítimos, pois estavam enraizados no além cristão. Dessa forma, eles deixam de ter vigência, o que faz o sujeito ocidental sentir ter perdido sua razão de existir e viver (Freire, 2015, p. 16).

²³ Antônio Vieira considerava o engenho como o inferno terrestre necessário à salvação dos negros, que os purificaria de seus pecados. “Tornava-se necessário incentivar os pretos a uma aceitação passiva desta passagem terrena desventurada a que estavam expostos, e ninguém melhor para fazê-lo, que um representante de Deus” (Silva, 2011).

²⁴ (CEI, 2016).

²⁵ Número é a coisa-em-si, a essência de tudo o que existe, que para alguns filósofos é estática, imutável, mas que para Nietzsche é a vontade de potência, ou seja, mutável, num fluxo e devir constante (TABOAS, 2012, p. 4).

mas sim um transformar-se, um poder ser, uma possibilidade de novas formas de ser (Bittencourt, 2016, p. 11; Peixoto, 2016, p. 10-11). Machado foi um ‘poder ser’, toda sua vida foi um vir-a-ser, exerceu poder e transformação e concretizou sua vontade de potência em incontáveis momentos. Sua vida foi superação atrás de superação, mudança atrás de mudança, foi um devir, tanto no pessoal como no literário. Retratar a evolução pessoal e social novamente é desnecessário, pois já detalhado o bastante. A repetição seria ser mais um negro excluído pelas instituições, pela sociedade, pela escravidão, pelas faltas de oportunidade, pelo analfabetismo. Ele superou tudo isso e criou para si um destino diferente da maioria.

Ademais, é importante ressaltar o que diz Nietzsche no aforismo 9 de **Além do Bem e do Mal**: “a filosofia, no fundo da Natureza, e seu contexto visível, é apenas esse instinto tirânico: a vontade de potência em seu aspecto mais intelectual, a vontade de ‘criar o mundo’ e implantar nele a causa primeira” (NIETZSCHE, 2001, p. 18). Se isso pode ser dito a respeito da filosofia, que busca entender esse mundo no qual vivemos, com muito mais razão pode ser dito a respeito do exercício literário, da ficção, do romance, onde o principal intuito do autor é de fato criar mundos novos, paralelos, universos próprios, com suas próprias leis, regras e valores inventados arbitrariamente pelo criador. Assim, se o filósofo exerce a vontade de potência intelectual, muito mais a exerce o literato.

Não só isso, mas as inovações formais de que se valeu, como, por exemplo, a ironia e o narrador ambíguo e pouco confiável, são também os instrumentos dessa vontade de potência, de criar mundos novos, de novas possibilidades de se escrever o que não se teria coragem de falar abertamente em uma sociedade cristã conservadora, de se criticar a classe dominante, sem que ela perceba que está sendo objeto de escárnio, subvertendo as expectativas da elite, que esperava dos autores, sobretudo românticos, textos voltados ao seu enaltecimento. É vontade de potência de brincar e enganar o leitor, fazê-lo de bobo, manifestando um poder intelectual sobre quem o lê, demonstrando assim a superioridade intelectual de Assis, que ludibriou muitas pessoas com sua forma de narrar, que apenas alguns poucos cultos conseguem penetrar completamente. É uma escrita nobre, aristocrática, para poucos, de difícil compreensão, como a do próprio Nietzsche.

Por fim, é interessante mencionar que para o filósofo a vontade de potência “está presente tanto no comando como também na obediência” (Freire, 2015, p. 31):

É virtuoso que uma célula se transforme numa função de outracélula mais forte? Ela tem de fazê-lo. E é mau que a mais forte a assimile? Ela tem de fazê-lo também; é necessário que o faça, pois procura abundante substituição e quer regenerar-se. [...] Alegria e desejo coexistem no mais forte, que quer transformar algo em função sua; alegria e vontade de ser desejado, no mais fraco, que gostaria de tornar-se função (Nietzsche, 2012 apud Freire, 2015, p. 31).

Aqui, pensa-se em Machado mais novo, querendo trabalho nos jornais, nas editoras, sendo uma função. Houve vontade de potência na obediência, ele quis ser útil. Também quando elogiava o imperador nos poemas e era exemplar jornalista e servidor público, a fim de conseguir empregos cada vez melhores e mais prestígio. Houve vontade de potência no desejo de tornar-se útil, de laborar, de servir.

1.1.1 O eterno retorno

Este tópico será brevíssimo. O eterno retorno é a ideia nietzschiana essencial à caracterização do super-homem. Versa sobre imaginar que todo o sofrimento que Assis enfrentou em sua vida se repetiria de novo e de novo, infinitamente, sem nenhum tipo de alteração e que ele se alegraria com isso, teria uma atitude afirmativa em relação a esse retorno cíclico e infinito (Taboas, 2012, p. 65)

Não há dados suficientes na biografia de Assis para se deduzir com total certeza se ele teria tido essa preferência. É algo desconhecido, restrito à sua própria mente, ao seu mundo interior. É claro que sem sua gagueira, sem sua negritude, pobreza inicial e epilepsia, não haveria a produção textual, pois “o gênio é ao mesmo tempo sujeito e objeto”. Ou seja, Assis (e sua vida) é sua obra e vice-versa (Taboas, 2012, p. 57). Talvez, se ele soubesse dessas condições como indispensáveis às suas conquistas pessoais e literárias, então a resposta seria uma afirmação do eterno retorno. Mas isso é especulação.

Portanto, esse é um tópico aberto, sobre o qual pouco se pode escrever com certeza, de modo que se Assis for enquadrado ou pelo menos aproximado do super-homem, isso terá de ser dar independente do eterno retorno, mesmo que ele seja imprescindível a essa qualificação. Se Machado tivesse lido Nietzsche, quem sabe, teria escrito algo mais substancial para se analisar nesta questão. Portanto, reitere-se, a análise do super-homem que se faz neste artigo, não leva em conta o eterno retorno, por mais paradoxal que isso possa se revelar, em razão da ausência de dados e por ser muito especulativo.

4.4 MACHADO PODE SER GÊNIO, ESPÍRITO LIVRE E SUPER-HOMEM AO MESMO TEMPO?

É controverso. Esses termos podem ser usados como sinônimos ou seria equivocado tentar equipará-los? A bem da verdade, eles guardam semelhanças entre si.

De acordo com Oliveira Júnior (2004 apud Peixoto, 2016, p. 5) existe relação entre gênio e espírito livre, mas é rara. Já para Barrenechea (2009, p.4 apud Peixoto, 2016, p. 5) os conceitos se separam parcialmente: o espírito livre necessita suspeitar de tudo, ser um problematizador dos produtos culturais, mas parece racionalizar o corpo, os impulsos, e os instintos, o que o distinguiria do gênio (Peixoto, 2016, p. 5). É uma interpretação. Pode ser que o espírito livre seja mais racional que o gênio, mas isso não retira a racionalidade do último, ainda que em menor proporção. Em dado momento Nietzsche considerou Wagner (música) e Schopenhauer (na filosofia) como gênios (Taboas, 2012, p. 56) e de modo algum pode-se afirmar que tais homens não racionalizavam

seus impulsos e instintos. Pelo contrário, eles os canalizaram e controlaram e graças a isso produziram suas obras. Uma pessoa descontrolada e sem o mínimo de disciplina dificilmente irá produzir algo, muito menos obras-primas como as desses dois. Ademais, alegar uma variação de racionalização entre os dois tipos enfrentaria outro problema: como medir ou determinar os limites dessa racionalização? A partir de que momento a racionalização é baixa o suficiente para ser gênio ou alta o bastante para ser espírito livre? Isso é uma tarefa complexa de se realizar e desprovida de qualquer utilidade prática. Acaba por sobrar uma espécie de borrão entre essas definições, de maneira a não ser possível diferenciar quando se é um ou outro.

De modo a serem uma estrada rumo ao super-homem, o qual mantém com os conceitos de gênio e espírito livre relação de continuação e superação, os dois últimos tratam daqueles que buscam vencer o instinto de conservação insito ao ocidente, de pessoas especiais, superiores, que ultrapassam a si próprias (Peixoto, 2016, p. 5).

Tratando-se da relação entre gênio e super-homem, ambos são o referencial de um novo tipo de comportamento e os dois conceitos buscam libertar-se das amarras impostas pelos valores cristãos e pela moralidade decadente europeia. Tanto um quanto o outro visam superar o que já está convencionado culturalmente, pois são livres de toda moral e culpa cristã. O modelo ideal de gênio concretiza-se no super-homem (Taboas, 2012, p. 53).

Outrossim, tanto o gênio quanto o super-homem preocupam-se em voltar a atenção dos homens ao mundo real, concreto, imanente, que é o único que existe. Dessa forma, o gênio é a porta de entrada para ir além do humano, demasiadamente humano e ambos são capazes de criar sua própria realidade e valores, indo além de noções fixas e imóveis e desprezando a metafísica platônica e cristã. Por fim, os dois são guiados por sua vontade de potência, deixando para trás o humano supostamente essencial da religião tradicional (como o negro, do padre Antônio Vieira, cujo destino seria ser escravo nos engenhos) e dando lugar ao homem livre criador de seus próprios valores. Portanto, super-homem e gênio são relacionados e representam o “tornar-se quem se é” (Taboas, 2012, p. 53-56).

Já sobre a relação entre os três conceitos, Nietzsche não deixará de lado os dois primeiros quando apresentar seu super-homem. Há ruptura e permanência, já que o filósofo põe as definições de gênio e espírito livre para existirem ao mesmo tempo, mas sem que uma suplante a outra. Mas o terceiro termo ofusca os dois primeiros (Peixoto, 2016, p. 5-6). Ou seja, no fundo, parece haver na verdade uma evolução, um desenvolvimento de uma ideia de superação do homem, que pode ter começado um pouco mais acanhada, mas que com o desenvolver da filosofia nietzschiana foi aprofundada e enriquecida. Pode ser que em essência tratem do mesmo fenômeno, com iluminações de ângulos diferentes. Por isso, é defensável supor que Assis pôde muito bem ter encarnado essas três categorias ou que, pelo menos, seja uma aproximação, como Schopenhauer, Napoleão, Wagner e outros usados por Nietzsche como modelos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, cabe salientar que o filósofo em questão apenas teve como hipóteses de super-homem homens brancos europeus, em contextos muito menos hostis do que aqueles vividos por homens negros escravizados desde o início da modernidade. Em outras palavras, o super-homem vislumbrado por Nietzsche trata da autossuperação do sujeito ocidental, a qual não é tão magnífica e surpreendente. E é muito mais difícil de acontecer, por ter incontáveis barreiras e impedimentos a mais, a do afrodescendente de antes do século XX, mas justamente por isso é mais gloriosa e radical, o que transcende a própria concepção dele a respeito do tema.

Também, para aqueles que julgam serem incompatíveis com os conceitos de Nietzsche o autocontrole, a disciplina, a frieza e a estratégia, são desmentidas pelo próprio filósofo, com seus tipos históricos analisados em seus livros. O super-homem, por exemplo, pode muito bem superar-se jogando o jogo social. Não precisa ser um bárbaro, um completo antissocial, com energia difusa e espalhada. O super-homem pode usar a estratégia, o cálculo, o importante mesmo é a autossuperação.

O impulso e a energia vital podem e devem ser canalizados, direcionados, controlados e dosados para o alcance das metas e objetivos estipulados por ele próprio. Até porque, sem essa contenção, dificilmente se conquistaria alguma coisa. Tanto é que a arte preza também pela forma. Logo, Assis não gastou energia em disputas autodestrutivas, como Lima Barreto e Estevão Roberto da Silva, pois entendeu que a melhor maneira de se conquistar o topo era pelo seu direcionamento e canalização. Assis, por ser nobre, tinha *pathos* da distância. Logo, a conclusão desse artigo é que sim, Machado pode ser enquadrado dentro dos três conceitos nietzschianos ou, no mínimo, ser uma aproximação bem-sucedida. É um caso único de autossuperação.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, R. N. Nietzsche e o super-homem como paradigma da superação pessoal. **Revista Húmus**, São Luís, v. 6, n. 17, 4 out. 2016. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/5394>. Acesso em: 10 mar. 2026.

BRAGA, H. L. G.; JÚNIOR, J. A. S. da S. Indígenas e negros no século XIX: do apagamento histórico ao protagonismo nas manchetes de jornais e sua aplicabilidade no ensino de história. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, INTERDISCIPLINARIDADE E PRÁTICAS ESCOLARES. **Anais** [...]. [S. l.]: CEEINTER, v. 1, n. 3, p. 1-17, 2025. DOI: 10.56579/eduinterpe.v1i3.2297. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/eduinterp/article/view/2297>. Acesso em: 11 mar. 2026.

CAMPOS, R. Cor e identidade racial nas biografias de Machado de Assis (1917-2006). In: SEMINÁRIO DO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA, 6., 2020, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. p. 20-26. Disponível em: <https://literaturabrasileira.fflch.usp.br/sites/literaturabrasileira.fflch.usp.br/files/3327-3734-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2026.

CASTELLO, J. A. Ideário crítico de Machado de Assis: breve contribuição para o estudo de sua obra. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 1-14, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mael/a/STcmSFyGfqDyBMJzg3nQY8h/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CEI, V. Machado de Assis é mesmo pessimista e niilista? **Revista Eletrônica do Vestibular UERJ**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 25, 2016. ISSN 1984-1604. Disponível em: https://www.revista.vestibular.uerj.br/artigo/artigo.php?se_q_artigo=46. Acesso em: 30 mar. 2026.

COUTINHO, A.; SOUSA, J. G. de; PÉREZ, R.; BARRETO FILHO. **Machado de Assis: obra completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959.

DUARTE, E. de A. A capoeira literária de Machado de Assis. **Literafro**, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/1019-a-capoeira-literaria-de-machado-de-assis-eduardo-de-assis-duarte>. Acesso em: 12 mar. 2026.

ESCAVADOR. **Vítor Cei Santos**. [S. l.]: Escavador, 2025. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/5081086/vitor-cei-santos>. Acesso em: 28 mar. 2026.

FERREIRA, R. M. C.; LOPES DE MACEDO, P. G.; OLIVEIRA POSTINGHER, A. L. Um amador na periferia do capitalismo: Quincas Borba e a oblíqua revolução de Machado de Assis. **ANTARES: Letras e Humanidades, Caxias do Sul**, v. 15, n. 35, 2023. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/11116>. Acesso em: 9 mar. 2026.

FFLCH USP — FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Nascimento de Machado de Assis**. São Paulo: FFLCH USP, 2023. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/65718>. Acesso em: 11 mar. 2026.

FREIRE, W. de F. **A vontade de poder como afirmação da vida em Nietzsche**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em [área do curso]) — Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015.

GUIMARÃES, H. de S. O impacto da obra de Machado de Assis sobre as concepções de romance. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://machadodeassis.fflch.usp.br/sites/machadodeassis>.

fflch.usp.br/files/u73/num01artigo04.pdf. Acesso em: 12 mar. 2026.

LITERAFRO. **Machado de Assis: dados biográficos**. Belo Horizonte: UFMG, 2024. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/163-machado-de-assis>. Acesso em: 11 mar. 2026.

MARTON, S. Nietzsche: da genealogia à transvaloração dos valores. **Aufklärung: journal of philosophy**, João Pessoa, v. 7, n. esp., p. 97-108, 2020. DOI: 10.18012/arf.v7iesp.56769. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/56769>. Acesso em: 15 mar. 2026.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: ou prelúdio de uma filosofia do futuro**. Curitiba: Hemus, 2001. Disponível em: https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentos-virtuais/pdf/alem_do_bem_e_do_mal_-_friedrich_nietzsche.pdf. Acesso em: 30 mar. 2026.

OLIVEIRA, A. S. de. Machado de Assis sob o olhar de seus pares. **Revista Bravo!**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://medium.com/revista-bravo/machado-de-assis-sob-o-olhar-de-seus-pares-4dacbf3af281>. Acesso em: 12 mar. 2026.

OLIVEIRA, B. S. M. de. **O valor da ascensão social: o Brasil do século XIX diante do espelho em Papéis Avulsos**, de Machado de Assis. 2018. Dissertação (Mestrado em [área do curso]) — Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

PEIXOTO, E. da S. A concepção de super-homem como um processo de trans-formação humana. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 13, n. 2, p. 134-148, 2016. DOI: 10.5216/rpp.v13i2.40108. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/40108>. Acesso em: 21 mar. 2026.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Machado de Assis: textos**. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, [20--]. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/apac/anexos/machado_assis_textos.pdf. Acesso em: 11 mar. 2026.

PROENÇA, P. S. de. Machado de Assis, escritor negro. **Literafro**, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/1355-machado-de-assis-afrodescendente-eduardo-de-assis-duarte>. Acesso em: 12 mar. 2026.

REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **A polêmica tentativa de embranquecer Machado de Assis**. São Leopoldo: IHU, 2017. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7177-a-polemica-tentativa-de-embranquecer-machado-de-assis>. Acesso em: 12 mar. 2026.

SILVA, C. da. A visão do Padre Antônio Vieira sobre a escravidão. **Mafuá**, Florianópolis, n. 16, 2011. ISSN: 1806-2555. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2011/a>.

[visao-do-padre-antonio-vieira-sobre-a-escravidao/](#).

Acesso em: 21 mar. 2026.

SILVEIRA, M. da R. A arte e o artista negro na Academia no século XIX. **Revista Z Cultural**: Revista do programa avançado de cultura contemporânea, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2019. ISSN 1980 9921. Disponível em: <https://revistaz.letras.ufrj.br/a-arte-e-o-artista-negro-na-academia-no-seculo-xix/>. Acesso em: 14 mar. 2026.

STANCIK, I. A escravidão no Brasil em meados do século XIX na perspectiva de Francisco Maria Bordalo. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 7, n. 14, p. 23-27, 2006. ISSN: 1518-4196. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944357007>. Acesso em: 11 mar. 2026.

TABOAS, E. de O. **A estética como nova forma de conhecimento em Nietzsche**. 2012. Dissertação (Mestrado em [área do curso]) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

VILARINHO, M. C. Literatura machadiana: patrimônio cultural que expressa a dinâmica social e dimensão imaterial de um povo. **Revista Fragmentos de Cultura** - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v. 30, n. 1, p. 105-115, 2020. DOI: 10.18224/frag.v30i1.7587. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7587>. Acesso em: 10 mar. 2026.